

Encontro de fricativas : estratégias fonéticas

Cristina de Souza Prim¹

¹Pós Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina

cristinaprim@yahoo.com.br

Resumo. *Este trabalho analisa os processos que ocorrem quando duas fricativas alveolares ou pós-alveolares se encontram dentro do sintagma nominal, especialmente entre determinantes e nomes. Se houvesse a assimilação do traço [voz] e não houvesse alofones, a diferença entre as formas singular e plural se tornaria indistinta, em especial em dialetos que marcam o plural somente nos determinantes. Visto o que acontece em outros contextos, esperava-se que o falante utilizasse as chiantes ou que inserisse pequenas pausas, de alguns milissegundos, entre o determinante e o nome. No entanto, dados da pesquisa feita com informantes da região da grande Florianópolis mostraram duas alternativas: chiante, como esperado, e ditongação do determinante.*

Abstract. *This paper analyses the processes that occur when two alveolar fricatives or postalveolar fricatives meet in a nominal clause, especially between determiners and nouns. If there is the voice assimilation and there is not the presence of allophones, the difference between singular and plural form will not exist in the determiners. It was expected that the speaker had produced the affricates and had made small pauses of milliseconds between the determiner and the noun. Nevertheless, a research made in Florianópolis metropolitan area showed two different alternatives: affricate, as expected, and a diphthong in the determiner.*

Palavras-chave: encontro de fricativa; marcas de plural; processos segmentais

1 Introdução

Dentre os processos de sândi que ocorrem no português brasileiro, encontramos o vozeamento da fricativa. Este tem como característica a reestruturação dos elementos da sílaba: no lugar de uma sílaba travada CVC, por exemplo, e de uma outra sílaba composta apenas pelo V, o elemento em *coda* da sílaba final do primeiro vocábulo passa a *onset* da primeira sílaba do segundo vocábulo, configurando-se assim duas sílabas CV.

Arroz Amarelo. ⇔ Arro[za]marelo

CVC V

CVCV

No Português Brasileiro (PB), de acordo com Tenani (2002), sempre se configuram sílabas CV quando não há pausa entre as fronteiras. Mesmo que haja acento em ambas as sílabas em questão, os processos de sândi não são bloqueados: [ma'raʊtʊ], por exemplo.

Mateus alega que a coda é o constituinte mais frágil e mais sujeito a restrições, e que, por isso, a consoante que o preenche, quando se encontra em final de palavra, sofre a ação de processos específicos como a ressilabificação em ataque de sílaba e a supressão. Fricativa em coda pode ser subespecificada quanto ao traço de vozeamento, dado que a sua especificação como [-] ou [+] vozeada decorre do valor desse traço na consoante que lhe segue. Além disso, em português europeu e em alguns dialetos do português brasileiro aplica-se também nesta consoante uma regra específica que a torna [-anterior], ou seja, [ʃ] (ou [ʒ] se a consoante seguinte for vozeada).

Na variedade do português estudada por Tenani, a fricativa surda que ocupa a posição de coda assimila o traço [voz], isto é, vozeado, do elemento seguinte, seja esse elemento uma vogal ou uma consoante sonora. Satisfeito o contexto segmental, o processo se aplica quer dentro de uma palavra, quer entre palavras. É importante observar que o vozeamento ocorre independentemente de ser acentuada a sílaba que tem a coda preenchida pela fricativa e mesmo quando há um choque acentual, diz Tenani, apesar de ter trabalhado somente contextos em que os acentos dos vocábulos envolvidos não estão próximos. Tenani analisa apenas contextos que ocorrem a assimilação do traço [voz] e a reestruturação silábica: a fricativa desvozeada que ocupa a coda passa a ser uma fricativa vozeada em posição de onset. Observa ainda que, em casos de sândi, a qualidade da vogal não restringe a aplicação do processo, por exemplo: heróis horríveis, heróis ótimos, heróis humanos, heróis esplêndidos, heróis épicos.

No caso das fricativas, a assimilação do traço [voz] tornaria indistinta a diferença entre as formas singular e plural, em especial em dialetos que marcam o plural do sintagma nominal somente nos determinantes. Sabendo-se que o falante não rompe a frase fonológica entre o determinante e o nome, como o plural é marcado nestes casos? Para responder esta questão, vamos inicialmente analisar possibilidades entre fricativas (alveolares e pós-alveolares) e fonemas diversos (vogais, oclusivas, fricativas – não as alveolares e pós-alveolares –, nasais, vibrantes,...).

2 O primeiro experimento.

Os arquivos sonoros foram gravados através do programa Praat (www.fon.hum.uva.nl/praat) em formato .wav, a 22050Hz. Os informantes, 3 pessoas do sexo feminino, têm entre 19 e 25 anos, grau universitário e sempre residiram na região da grande Florianópolis, SC. Para a gravação, os informantes foram orientados a realizar a leitura sem se preocupar em produzir pausa a cada ponto final ou vírgula, mas que lessem da maneira mais próxima ao que consideram ser uma fala espontânea. A velocidade de fala variou pouco de um informante a outro, mesmo sem terem recebido instruções para tal. Para a transcrição dos segmentos foram utilizados os símbolos do alfabeto fonético internacional. Os espectrogramas possibilitaram uma melhor visualização das realizações dos segmentos analisados.

Para a construção das sentenças foram tomados por base os exemplos de Tenani (com exceção das sentenças 8 e 10), que passou a investigar as evidências segmentais para verificar se os domínios prosódicos superiores à palavra fonológica (a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico) são relevantes para a

organização da cadeia da fala em unidades maiores do que a palavra. Vejamos as sentenças:

- (A) 01. Ulisses, amanhã teremos aula.
02. Comerciantes elegeram seus representantes.
03. O arroz amarelo é mais saboroso.
04. O trabalho do produtor de arroz alcançou bons resultados.
05. Duas das alunas ofereceram canetas aos amigos.
06. Todos nós oferecemos orquídeas às idosas.
07. As alunas estrangeiras nos Açores, até onde sabemos, aceitaram vir.
08. Aline quis encontrar Ulisses no meio da multidão.
09. O Marcos fez vários investimentos na produção de arroz.
10. Ulisses quer representar sua escola nos jogos interescolares.

Verificamos através deste experimento que as marcas de plural aparecem com os alomorfes condicionados fonologicamente [ʃ e ʒ] e com as sibilantes [s e z], sendo o primeiro de cada grupo utilizado com sons surdos e o segundo com sons sonoros. Verificou-se que pausas de alguns milissegundos são suficientes para que o falante não sonorize o segmento.

Foi necessário fazer este primeiro teste para verificar as marcas de plural utilizadas em outros contextos pelos informantes e saber se diferem as opções quando se trata de determinante e quando não.

3 Encontro de fricativas: determinantes plurais e nomes

Um dos traços que pode ser observado em alguns dialetos do português brasileiro é a perda da marca de plural de alguns elementos do constituinte quando pelo menos um elemento – em geral o determinante – faz esta marcação¹. Voltemos a atenção ao sintagma nominal: a marcação de plural do nome é omitida nestes dialetos quando há determinante presente; caso contrário, o nome deve flexionar:

- (1) As garota gosta/gostam de sair.
(2) Garota_*(s) gostam de sair.

Em particular, investigaremos quais as estratégias utilizadas pelos falantes para que a marca de plural do determinante não seja suprimida quando em fronteira com um nome ou adjetivo que se inicia por fricativa. Ou seja: se a marca de plural pudesse ser suprimida ou amalgamada à fricativa seguinte (o problema se restringe às alveolares e pós-alveolares), nesse dialeto, o que indicaria o plural no sintagma?

Espera-se, visto o que acontece em outros contextos, que o falante busque as chiantes como alofones, visto que estas são encontradas na região observada no experimento, ou que insira pequenas pausas, de alguns milissegundos, o que contradiria a nossa intuição de que a frase fonológica não se rompe entre determinante e nome, mas

¹ Cristóforo-Silva faz uma interessante análise sobre alterações que ocorrem nos nomes quando não há morfologicamente marca de plural nestes. Ver Cristóforo-Silva, 2007.

estaria consoante ao que foi observado no primeiro experimento. A supressão, obviamente, é a alternativa menos interessante.

3.1 O segundo experimento

Os arquivos foram gravados com os mesmos informantes em formato *.wav*, a 22050Hz no programa Praat. Estes receberam as mesmas orientações dadas anteriormente. Os dados não se constituíram mais de sentenças, como anteriormente, mas de sintagmas nominais:

- (B) 01. os surfistas
- 02. as chaves
- 03. umas senhoras
- 04. as xícaras
- 05. os jogos
- 06. as suíças
- 07. os sábados
- 08. minhas saudações
- 09. as cestas
- 10. suas sacolas
- 11. uns sacos sujos

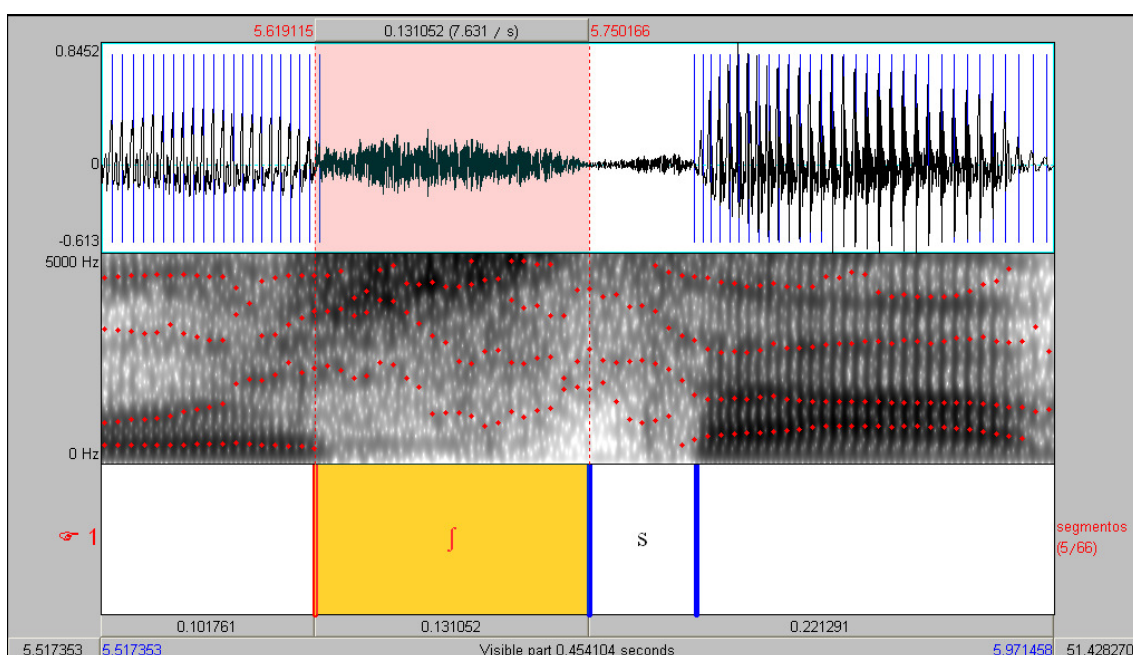
Algumas outras formas foram também gravadas visando a verificação dos formantes no contraste com as formas plurais vistas anteriormente (01-03) e das ocorrências em outros contextos que não determinante + nome, mas nome e verbo, por exemplo (04-06):

- (C) 01. uma senhora
- 02. a chave
- 03. o sábado
- 04. garotas sabem
- 05. meninos jogam
- 06. plantas cheiram

3.2 Chiantes

Mattoso Câmara Jr. (2002) nos diz que, fonologicamente, há outras possibilidades que não a sibilante /s/ para marcar o plural: a chiante surda (diante de consoante surda ou de pausa) e a sonora (diante do consoante sonora ou vogal, ambos se não houver pausa, ainda que de alguns milissegundos). Esta é uma das estratégias utilizadas pelos informantes; dessa forma, a marca de plural soa como chiante e a sibilante /s/ abre o vocábulo formal:

- (3) Os sábados



Este alomorfe é o mesmo que aparece, por exemplo, nos nomes e nos verbos de segunda pessoa do singular. Ela ocorre diante de todos os contextos, com exceção de vogais (nestes, a sibilante apenas sonoriza), quando não há pausa, e de outras chiantes.

3.3 Ditongação

Mattoso Câmara Jr (2002, p. 94) aponta mais um alomorfe para o morfema flexional de plural:

Mais um alomorfe, que não aparece na área de /s/ ou /z/ sibilante (não chiante) pós-vocálico, é a realização do fonema com um /i/ precedente, assilábico, depois da vogal tônica. Com ele se neutraliza a oposição entre vogal simples tônica e o ditongo decrescente de semivogal /i/ no plural: pás, plural de pá, e pais, plural de pais, enunciados ambos /paⁱs/. [...] No registro formal da pronúncia culta, porém, repõe-se a oposição quando o /S/ final se torna prevocálico (/z/) em ligação com uma vogal inicial seguinte: pás atuam /pazatua^N² distingue-se de pais atuam /paⁱzatua^N/.

Há muito a dizer sobre esta citação:

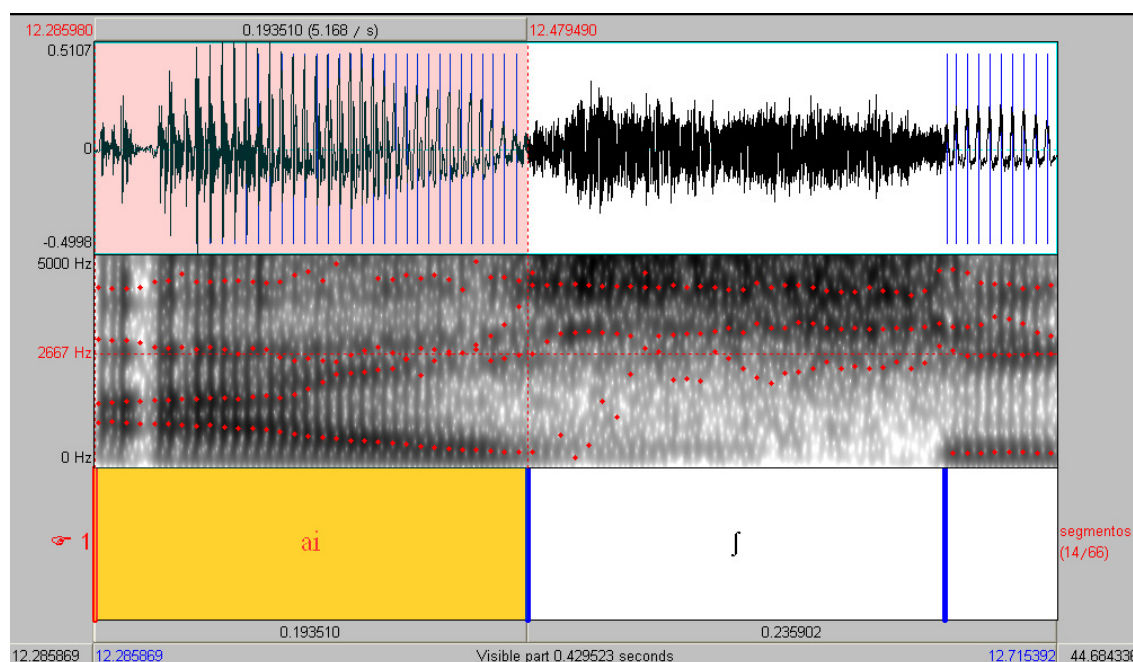
Como vemos, não era de se esperar, pela definição de Mattoso, chiante e sibilante co-ocorrendo na mesma região. Vemos pelos dados obtidos na pesquisa que ao menos nestes contextos (encontro de fricativas alveolares e/ou pós-alveolares) não só

² Para Mattoso Camara Jr (2002), não há vogais nasais. Este representa a ressonância nasal pelo arquifonema /N/.

co-ocorrem como tem escolha “arbitrária”³ de cada um: tanto é possível (na região da grande Florianópolis), no caso de “garotas sabem”, [garotaʃ] e [garotaɪ].

Um segundo comentário é a respeito da posição da vogal que se ditongará em relação à vogal tônica: se o que Mattoso diz estivesse fundamentalmente correto, não poderia haver ditongação nos determinantes, que nunca são tônicos. No entanto, não só ocorre ditongação nestes como esta é a forma mais usada nestes contextos em estudo. Abaixo, um exemplo de ditongação nos determinantes:

As xícaras



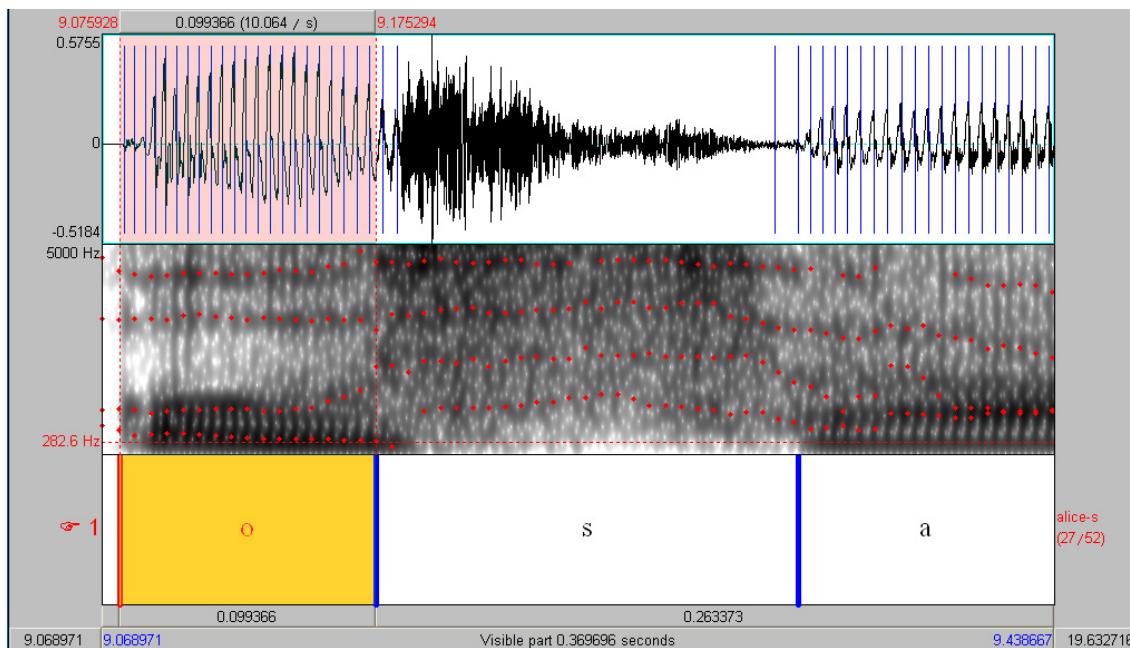
Por fim, Mattoso afirma ainda que em posição pré-vocálica, a oposição com/sem ditongação é retomada. Embora não tenha ocorrido nos dados das três informantes, é possível localizar na internet (em blogs, por exemplo) formas como “uis animais” [uɪ zaniːmaɪs]. É preciso, portanto, que se averigüe se a ditongação não está migrando para outros contextos.

Uma observação importante é a respeito do ponto de articulação das fricativas. Visto que as características articatórias dos fonemas influenciam a produção dos segmentos vizinhos através da assimilação, com alteração nos formantes, por exemplo, é preciso mostrar que a forma singular possui também, em um exemplo como “o sábado”, subida dos formantes do determinante /o/, para que /sa/ seja produzido. Mas não é este

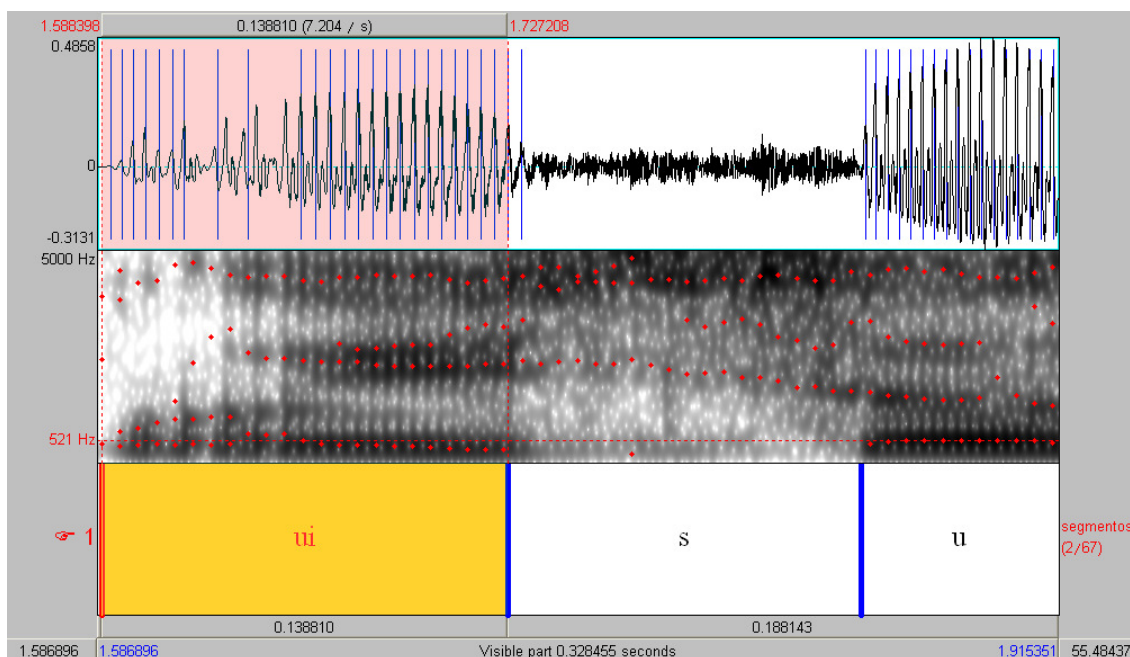
³ Usamos esta palavra pois cada informante utilizou apresentou diferenças em relação ao outro ao escolher a chiente ou a sibilante. No entanto, a forma ditongada é possivelmente a forma predominante: o informante 1 utilizou seis vezes a forma ditongada de onze contextos, o informante 2 utilizou sete, e o terceiro, sete. As restantes, no entanto, não foram todas chientes. Dois sintagmas nominais, como mencionaremos mais adiante, apresentaram um padrão especial para marcar o plural.

processo o motivador do aparecimento da ditongação, pois esta aparece já no início da produção do determinante. Vejamos exemplos:

(4) O sábado



(5) os surfistas



Este processo aparece também em nomes, como vemos no exemplo já citado anteriormente “garotas sabem” em que a ditongação é uma das possibilidades para se marcar o plural do nome. Este exemplo, no entanto, não rompe com a teoria, por vir, entre outras exigências teóricas para a ditongação, após a tônica.

Um ponto a ser destacado foi um comportamento especial que ocorreu somente com possessivos (femininos?) pré-nominais: a marca de plural, o ditongo /ai/, eleva-se a /e/:

(06) minhas saudações /miɲaɪsaʊda'sões/ > /miɲesaʊda'sões/

(07) suas sacolas /suaɪsacɔlas/ > /suesacɔlas/

Faz-se necessário um estudo mais apurado dos processos que podem ocorrer nestes contextos. Este ponto não será, no entanto, explorado. Deixa-se apenas uma questão aberta a pesquisas futuras.

5 Conclusão

Neste artigo procuramos apresentar estratégias fonéticas utilizadas por falantes da região da grande Florianópolis para marcar a distinção entre as formas singular e plural, em especial no determinante e no nome, quando este último inicia-se por fricativa alveolar ou pós-alveolar. Dados da pesquisa feita mostraram duas alternativas: chiente, como esperado e visto em outros contextos, e ditongação do determinante, que ocorre a fim de que se crie um máximo de contraste, pois estas consoantes ocupam lugares próximos no espaço de frequência. Apesar de termos gravado frases lidas, estes processos são perfeitamente aceitáveis para dialetos que marcam o plural somente nos determinantes. Os dois processos co-ocorrem na presença de fricativas alveolares e pós-alveolares, tendo o segundo a preferência dos informantes.

5. Referências

BISOL, Leda. . Sândi Externo: O Processo e A Variação. In: KATO, Mary. (Org.). **Gramática Do Português Falado: Convergências**. Campinas: UNICAMP, 1994p. 55-96, vol. 5.

_____. Sândi Vocálico Externo. In: ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do Português Falado: níveis de análise lingüística**. Campinas: Unicamp, 1994, 2. ed Campinas: UNICAMP; 1993, vol. 2.

CRISTÓFARO-SILVA, Tais. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 6. ed. rev São Paulo: Contexto, 2002.

_____; ALMEIDA, Leonardo; GUEDRI, Christine. **Perda da marca de plural no português brasileiro: contribuições da Fonologia**. Revista Estudos da Linguagem. Vol 15, nº 2. Jul/dez 2007. Disponível em: <http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/originais/artigos/plural.pdf> Acesso em: 20 julho de 2008.

ISTRE, Giles Lothar. O componente fonológico e os processos fonológicos. Cap7. In: **Fonologia Transformacional e Natural: uma introdução crítica**. Florianópolis: UFSC, 1980.

MATTOSO CAMARA JR. **Estrutura da língua portuguesa**. 35 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MIRA MATEUS, Maria Helena; RODRIGUES, Celeste. **A vibrante em coda no português europeu**. 2003. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf. Acesso em: 5 de agosto de 2008.

TENANI, Luciani Ester. **Domínios Prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Campinas: UNICAMP, 2002. Tese.